

opinião



Ensaio

Viriato Soromenho-Marques

Weidmann contra a Zona Euro

Nas crises, o papel de alguns indivíduos atinge proporções desmesuradas, impossíveis de replicar em tempos de normalidade. Se há um homem a quem a Zona Euro (ZE) deve a sua continuidade até aqui, ele é, sem dúvida, o italiano Mario Draghi, que preside ao BCE. Mas, se há uma figura que ameaça lançar de novo a Europa no olho do furacão dos mercados financeiros, ela é Jens Weidmann, o jovem presidente do Banco Central Alemão (Bundesbank). Portugal conseguiu vender dívida a dez anos a uma taxa de juro inferior a 6%. A Grécia viu também as suas taxas de juro, no mercado secundário, descerem abaixo dos fatídicos 7%. Mas, o mais importante é que em julho de 2012, a Espanha tinha a sua dívida exposta a taxas proibitivas de 7,6%, e hoje negocia a uns habitáveis 4,2%. Só os ideólogos ilétrados é que acreditam que esse alívio no mercado da dívida soberana se ficou a dever aos «êxitos» da política de austeridade que, pelo contrário, está a destruir a capacidade de relançamento económico da periferia europeia. O alívio em causa começou em julho de 2012 e foi consolidado em setembro do mesmo ano.

O nome por detrás deste balão de oxigénio que tem mantido a Zona Euro a flutuar é a sigla OMT (Outright Monetary Transactions). A instituição que o decidiu é o BCE (Banco Central Europeu), presidido por Mario Draghi. O mecanismo OMT, que ainda não foi utilizado, consiste na promessa de que o BCE poderá intervir no mercado secundário para apoiar países que estejam a ser alvo de ataques especulativos, traduzidos em taxas de juro sobre os seus títulos de dívida impossíveis de suportar. Esse apoio do BCE não é politicamente gratuito. Está condicionado à assinatura de um memorando de entendimento com o Mecanismo Europeu de Estabilidade. Contudo, o que levou à acalmia dos mercados é a natureza «ilimitada» desse apoio. Os especuladores desistiram, e a Zona Euro ganhou mais algum tempo para mudar de política.

JENS WEIDMANN FOI O CONSELHEIRO económico principal de Merkel. Subiu à presidência do Bundesbank em fevereiro de 2011, após a saída de Axel Weber. Apesar das regras do Bundesbank terem sido, por imposição alemã, internalizadas pelo BCE, aquando da negociação da União Econó-



Merkel tem de decidir-se entre a integridade da Zona Euro e a manutenção de Weidmann à frente do Bundesbank. As duas coisas são incompatíveis

mica e Monetária, a verdade é que o banco alemão não tem possibilidade de bloquear as decisões do Conselho do BCE (formado pelos seis membros da Comissão Executiva e pelos 17 governadores dos bancos centrais da ZE).

Nas decisões críticas da atual crise, Weidmann tem votado sempre contra a maioria. E não se coíbe de fazer duras declarações contra Mario Draghi, e agressivos reparos aos governos de Madrid, Roma e Paris. Se o OMT é a sigla do remédio do BCE para a dívida pública, LTRO foi o analgésico de Mario Draghi para fazer do BCE o «prestador de última instância» para a banca comercial

europeia, que esteve à beira de um colapso de crédito, em novembro de 2011. Também nessa altura, Weidmann vociferou contra Draghi. O problema urgente, todavia, é que Weidmann apresentou uma queixa contra o OMT junto do poderoso Tribunal Constitucional Alemão, cujo teor foi divulgado furtivamente no final de abril. As 29 páginas do documento revelam a fanática e simplista arrogância do pensamento de Weidmann.

WEIDMANN TEM RAZÃO. O OMT não é um mecanismo ortodoxo. Mas a verdade é que ele tem resultado. O que está mal não é o OMT, mas sim o estatuto do BCE, que o torna num banco central impotente para salvar a Zona Euro. Um banco que se concentra apenas na inflação, esquecendo o emprego e a coesão económica e social da ZE, não está em condições de responder à crise atual. Se o acórdão do tribunal de Karlsruhe der razão a Weidmann, só um milagre poderia impedir a turbulência de voltar aos mercados da dívida soberana. Sem OMT, Portugal perderia a possibilidade de uma transição viável depois da troika. Merkel tem de decidir-se entre a integridade da Zona Euro e a manutenção de Weidmann à frente do Bundesbank. As duas coisas, ao mesmo tempo, são incompatíveis. ❏